



PRESERVAR a
MEMÓRIA dos
Beneméritos

O fundo documental dos Benito Maçãs

Texto de Luís Lima
[TÉCNICO SUPERIOR DE ARQUIVO_SCML, ARQUIVO HISTÓRICO]

A documentação proveniente de heranças, legados e doações constitui uma importante parcela do património documental à guarda do Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa. **A incorporação e o tratamento destes documentos permitem honrar e perpetuar a memória dos beneméritos da Santa Casa, para além de aumentarem a capacidade de resposta à investigação em diversas áreas do saber.**

A complementar o valioso património documental da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) produzido, recebido e reunido ao longo dos últimos séculos pelos diversos departamentos, serviços e estabelecimentos desta instituição, não pode deixar de ser valorizada a documentação incorporada no Arquivo Histórico (AH), proveniente de heranças, legados e doações. Produzidos num contexto totalmente distinto dos documentos internos, estes conjuntos documentais chegam à SCML integrados no conjunto dos bens que, por disposições testamentárias ou doações, são deixados à Misericórdia de Lisboa.

Entre as várias heranças com expressão documental que passaram para a titularidade da Santa Casa, destaca-se a da benemérita Delmira Maria Filomena Benito Maçãs, não só pelo volume e diversidade das espécies documentais, mas também pela transversalidade dos assuntos e das épocas retratadas. São mais de vinte mil documentos produ-

zidos e reunidos entre o final do século XVIII e o início do século XXI, maioritariamente pela benemérita e por vários elementos das três gerações ascendentes da sua família paterna. Retratam quer a realidade social das elites fundiárias do Alto Alentejo – desde o final do Antigo Regime à segunda década do século XX –, passando pela vida quotidiana de uma família burguesa com residência em Lisboa e compromissos de gestão patrimonial no distrito de Portalegre e no concelho do Car-

taxo, quer os registos das atividades individuais de uma docente do ensino secundário, com uma complexa rede de interesses, de dinâmicas sociais e uma pesada herança de responsabilidades patrimoniais.

Este conjunto documental foi transferido para as instalações da Santa Casa no cumprimento das disposições testamentárias de Delmira Maçãs (falecida a 14 de outubro de 2007), que instituiu a SCML como sua herdeira universal. À exceção de alguns

RETRATO de Delmira Maçãs (Arquivo Familiar Benito Maçãs)

QUADRO genealógico da família paterna de Delmira Maçãs

José Dias Maçãs [n. 1768] ∞ Luísa Maria Mourato Abreu [n. 1786 / † 1809]
 António Dias Maçãs [n. 1808 / † 1858] ∞ Faustina Maria [n. 1801 / † 1863]
 José Dias Maçãs [n. 1839 / † 1880] ∞ Isabel Pereira Barradas [n. ? / † ?]
 Francisco Dias Maçãs [n. 1840 / † 1922] ∞ Leonor Pires Rolo [n. ? / † ?]
 António Dias Maçãs [n. 1836 / † 1900] ∞ Ana Catarina Bonito Semedo [n. 1855 / † 1890]
 Catarina Maria Benito Maçãs [n. 1876 / † ?]
 Faustina Maria Benito Maçãs [n. 1879 / † 1901] ∞ Constantino Alves do Vale [n. ? / † ?]
 Francisco Pedro Benito Maçãs [n. 1881 / † c. 1930] ∞ Josefa Georgina Monteiro [n. ? / † ?]
 José da Ascensão Benito Maçãs [n. 1887 / † 1918]
 António Eusébio Benito Maçãs [n. 1883 / † 1975] ∞ Ema Virgínia Garraio [ou Ema Virgínia Cordeiro Feio] [n. 1884 / † 1962]
 Delmira Maria Filomena Benito Maçãs [n. 1923 / † 2007]



▲ **FOTOGRAFIA** da família Maçãs (o casal António Dias Maçãs e Ana Catarina Bonito Semedo, avós da benemérita [ao centro], com os seus cinco filhos: Catarina Maria Benito Maçãs, Faustina Maria Benito Maçãs [em cima], Francisco Pedro Benito Maçãs, José da Ascensão Benito Maçãs e António Eusébio Benito Maçãs, pai da benemérita [em baixo, da esquerda para a direita] (*Arquivo Familiar Benito Maçãs*))

conjuntos de correspondência e de algumas espécies bibliográficas, a documentação encontra-se atualmente à guarda do AH.

A unidade destes documentos é garantida pela interdependência de cada um relativamente à ação da testadora ou dos elementos das várias gerações vinculadas ao seu pai, António Eusébio Benito Maçãs, por linhas de parentesco ascendentes e colaterais – bisavós, avós, tios-avós, pais, tios e irmãos.

Existem também, embora em número muito reduzido, alguns documentos diretamente ligados ao ramo familiar materno de Delmira Maçãs, nomeadamente dos seus avós, Augusto Garraio (1845-1911) – escritor dramático, ensaiador e empresário de teatro – e Amélia Mendes Garraio (1857-1894) – atriz. Destes antepassados apenas se conservam no arquivo familiar seis cartas remetidas de Lisboa e do Rio de Janeiro para a mãe da benemérita, Ema Virgínia Garraio (ou Ema Virgínia Cordeiro Feio).

Após o falecimento de Amélia Garraio, no Brasil, em 1894, a educação de Ema Virgínia foi confiada à sua tia materna, Delmira de Albuquerque Mendes (1864-1915), casada com Alfredo Cordeiro Feio (1856-1916). Em conformidade com as disposições testamentárias deste capitalista e negociante, os seus bens passaram para a posse dos filhos de Ema Virgínia, ou seja, para Delmira Maçãs, aumentando o já vasto património da família Benito Maçãs. A documentação mais representativa deste ramo familiar está diretamente

OS DOCUMENTOS SURGEM COMO INSTRUMENTOS PRIVILEGIADOS PARA A REPRESENTAÇÃO DE TODOS OS ASPETOS DO PERCURSO BIOGRÁFICO DE DELMIRA MAÇÃS, DESDE AS VIVÊNCIAS QUOTIDIANAS EM FAMÍLIA À FORMAÇÃO, À ATIVIDADE ACADÉMICA E CIENTÍFICA, À DOCÊNCIA, AO LAZER E ÀS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE MANTIDAS”

relacionada com a gestão destes bens, nomeadamente da Quinta de Santa Eulália.

Considerando que o quadro social de referência para a produção e acumulação de todos os documentos é a família, podemos afirmar que o fundo documental incorporado na Santa Casa é um arquivo familiar. Testemunha ações, vivências e comportamentos de um conjunto de indivíduos que, entre o final do século XVIII e o início do século XX, partilhava o apelido Maçãs, residia na freguesia de Ribeira de Nisa (concelho de Portalegre), era proprietário e integrava a elite social local. Reflete também algumas das continuidades e ruturas do ponto de vista socioeconómico, relativamente às gerações descendentes, em particular ao ramo Benito Maçãs, representado até ao início do século XXI pela sua última descendente, a benemérita Delmira Maçãs.

É comum pensar-se que quanto maior é o estatuto de uma família, maior é a riqueza do seu arquivo. São normalmente considerados e divulgados os arquivos das grandes famílias nobiliárqui-

cas ou de grandes figuras públicas, que revelam pormenores menos conhecidos da sua vida privada ou dos meandros dos cargos públicos exercidos. Já os arquivos das famílias comuns ou “anónimas”, sem personalidades ou apelidos incontornáveis na história, são geralmente desvalorizados e acabam por sucumbir perante contingências de vária ordem.

Não estando diretamente associado a homens de Estado ou a personalidades mediáticas, torna-se inevitável formular a seguinte questão introdutória: qual a importância e o interesse da guarda deste acervo documental no Arquivo Histórico da SCML?

A resposta a esta questão, que orientará as restantes linhas do presente artigo, centrar-se-á em duas áreas de análise. Primeiro, na explicitação da importância da salvaguarda e perpetuação da memória e da identidade familiar, de acordo com os desígnios da benemérita. Em segundo lugar, no reconhecimento das potencialidades dos documentos enquanto evidências do contexto socioeconómico em que foram



FOTOGRAFIA de Delmira Maçãs (com 1 mês e 7 dias) e seus pais, Ema Virgínia Garraio e António Eusébio Benito Maçãs (*Arquivo Familiar Benito Maçãs*)

produzidos, ou seja, enquanto fontes primárias para o estudo das mentalidades, do quotidiano, das relações de sociabilidade, da gestão patrimonial e das atividades, não só de um grupo de indivíduos ligados por laços de parentesco, mas de todo o am-

biente (geográfico, social, económico e político) que envolveu a sua existência e ação.

O primeiro eixo de análise mencionado implica necessariamente a exposição sumária de alguns dados biográficos de Delmira Maçãs, salientando-se tam-

bém a sua posição relativamente aos vestígios da família.

Delmira Maçãs nasceu em Lisboa (Santos-o-Velho) a 11 de abril de 1923. Recebeu as primeiras letras em casa, fazendo o exame de instrução primária aos 11 anos. Licenciou-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1948, com a tese intitulada *Os Animais na Linguagem Portuguesa*. Foi bolsista do Instituto para a Alta Cultura entre 1949 e 1951, colaborando diretamente com o Centro de Estudos Filológicos da Universidade de Lisboa. No ano letivo de 1951-52 ocupou o cargo de leitora de português na Universidade de Heidelberg.

Por motivos familiares, em grande parte relacionados com disputas judiciais que envolveram a posse de imóveis, afastou-se da vida académica e de docência, publicando pontualmente artigos e resenhas de linguística na *Revista Portuguesa de Filologia*, no *Boletim de Filologia* e na revista *Biblos*. Só em 1976, já cinquentenária, fez o estágio pedagógico de acesso às Escolas Técnicas e ingressou na carreira de docente do ensino secundário.

Publicou vários trabalhos literários na revista *Stella* e, na última década do século xx, escreveu e editou várias obras autobiográficas¹, nas quais narra viagens e acontecimentos marcantes ligados à vida quotidiana e à gestão do património familiar; reproduz fotografias, cartas, escrituras, inventários e quadros genealógi-

1. Entre outros, salientam-se os seguintes títulos: *Notas Genealógicas no Ano Internacional da Família*, 1994; *Livro de Horas dos Olhos d'Água em Marvão*, 1991; *Santa Eulália na Ribeira do Cartaxo*, 1991; *A Senhora da Lapa – Subsídios para uma monografia de Besteiros, em Alegrete*, 1991; *Pela Europa de Celtas e Romanos*, 1993; *Efemérides à Sombra do Segredo*, 1996

cos; partilha experiências, pensamentos e a sua visão do mundo.

A partir da leitura das referidas obras de Delmira Maçãs é possível compreender não só a sua interpretação do passado mas também a importância dada às memórias da família. O conhecimento do passado funcionou para a benemérita como uma matriz de perceções que lhe permitia uma melhor compreensão do presente e de si própria. Como refere numa das suas obras, “tem a sua vantagem conhecer algo dos nossos ascendentes, não só nome mas, principalmente, vestígios das suas qualidades positivas e negativas, virtudes e defeitos, porque as leis da hereditariedade são fenómeno comprovado. Conhecendo aquilo que fomos ou de que somos feitos, melhor podemos educar, desenvolver ou dominar as tendências inatas”².

O suporte mnésico preponderante para esta “recuperação” do passado e para a construção da identidade familiar foi, indubitavelmente, a documentação produzida e acumulada pelas várias gerações da sua família. Consciente da importância do património documental, Delmira Maçãs reuniu os documentos dispersos dos familiares e, embora não tenha levado a cabo um tratamento arquivístico profundo ou global, inventariou, transcreveu e copiou algumas das espécies.

A intencionalidade de preservar a memória familiar através dos documentos revelava-se de

O CONHECIMENTO DO PASSADO FUNCIONOU PARA A BENEMÉRITA COMO UMA MATRIZ DE PERCEÇÕES QUE LHE PERMITIA UMA MELHOR COMPREENSÃO DO PRESENTE E DE SI PRÓPRIA”

modo explícito na forma como os mesmos chegaram à SCML. Diversos conjuntos documentais encontravam-se dispostos numa sequência lógica, acondicionados de forma a garantir a respetiva unidade e, em alguns casos, o material escolhido para os envolver revela preocupações com a sua preservação a longo prazo.

Dada a importância dos documentos no conjunto dos bens deixados à herdeira universal, uma forma de honrar a última vontade da benemérita é, decerto, salvaguardá-los, promover a sua organização e acessibilidade, garantindo a expansão da memória de Delmira Maçãs e dos seus antepassados, bem como a preservação da identidade da sua família. Este objetivo foi já concretizado, em grande parte, pelo AH. Depois de devidamente higienizado, o conjunto documental foi na sua totalidade tratado arquivisticamente, ou seja, foi classificado, ordenado e descrito, encontrando-se atualmente acondicionado em condições que garantem a sua conservação a longo prazo.

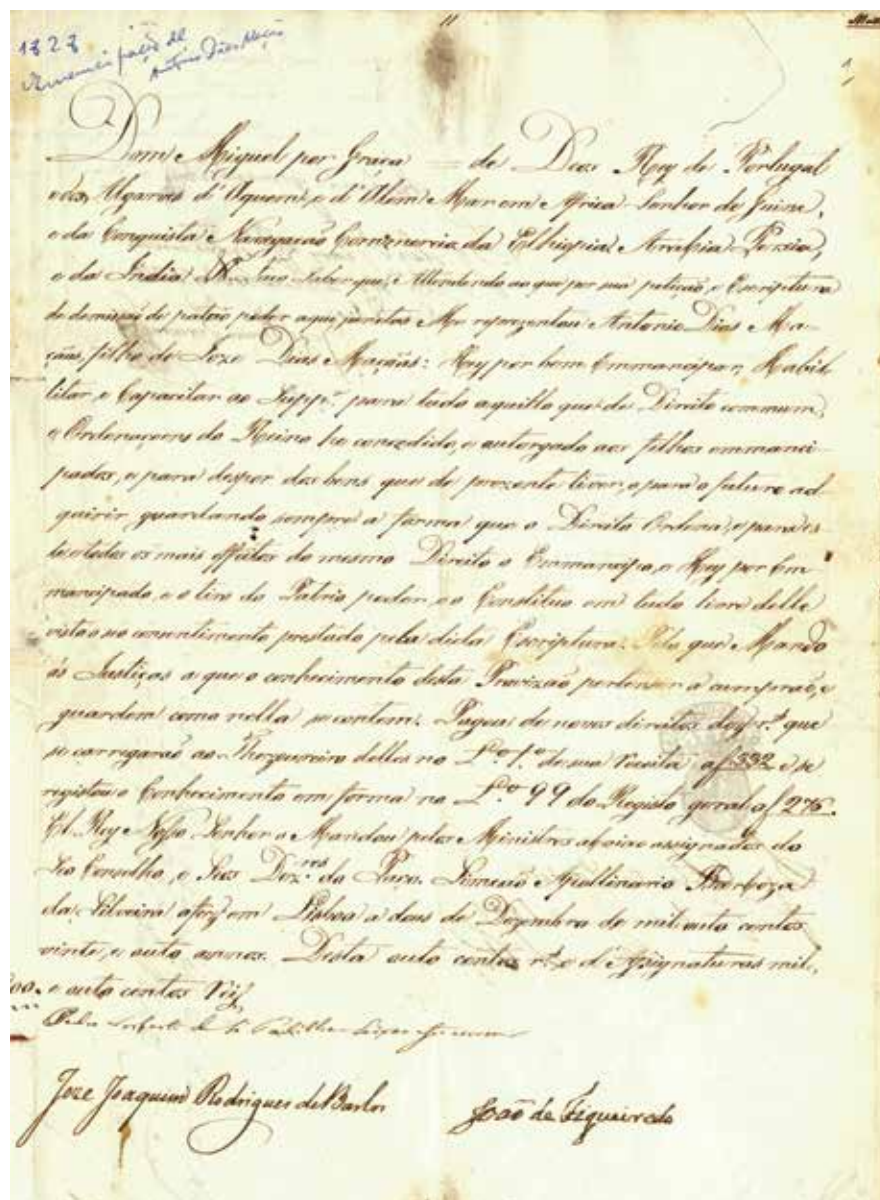
Ao longo do tratamento arquivístico constatou-se que, embora se trate de um arquivo familiar,

existe uma grande disparidade relativamente aos responsáveis pela produção e acumulação dos documentos. Pode afirmar-se que 90% dos documentos foram produzidos ou acumulados por Delmira Maçãs e pela geração dos seus pais, enquanto os restantes 10% se devem à ação das duas gerações anteriores.

Independentemente dos motivos desta desigualdade – decorrentes, entre outros fatores, da crescente valorização dos registos escritos, do recrudescimento da burocratização do Estado ou das próprias exigências das atividades desenvolvidas –, importa sublinhar a memória como o fundamento basilar para a constituição do arquivo familiar. Até finais do século XIX, para a maioria das famílias portuguesas, as recordações do passado dependiam quase em exclusivo da memória oral, auxiliada, em alguns casos, por objetos que, devido à sua utilidade ou a sentimentos de afetividade, eram transmitidos às gerações seguintes. A projeção retrospectiva da memória, limitada às duas gerações antecedentes, permitia apenas recordar os avós e, em alguns casos, os bisavós³. Contudo, para

2. Delmira Maçãs – *Notas Genealógicas no Ano Internacional da Família*. Lisboa: Edição de autor, p. 7.

3. Cf. José Manuel Sobral – “Memória e identidades sociais – Dados de um estudo de caso num espaço rural”. *Análise Social*. Vol. XXX (1995), p. 297



PROVISÃO régia de emancipação de António Dias Maçãs, ficando sujeito ao regime jurídico aplicável aos menores emancipados (1828) (Arquivo Familiar Benito Maçãs)

ATÉ FINAIS DO SÉCULO XIX, PARA A MAIORIA DAS FAMÍLIAS PORTUGUESAS, AS RECORDAÇÕES DO PASSADO DEPENDIAM QUASE EM EXCLUSIVO DA MEMÓRIA ORAL, AUXILIADA, EM ALGUNS CASOS, POR OBJETOS QUE, DEVIDO À SUA UTILIDADE OU A SENTIMENTOS DE AFETIVIDADE, ERAM TRANSMITIDOS ÀS GERAÇÕES SEGUINTE

as famílias dos grandes proprietários, desde as primeiras décadas do século XIX, começava a assistir-se à necessidade da criação de uma memória e de uma identidade familiar própria, entre outros objetivos, como forma de "afirmação da sua proeminência social a nível local"⁴.

A valorização dos principais símbolos identitários da família – os indivíduos e a propriedade – vai tornar obrigatória a preservação de todas as evidências documentais que, de alguma forma, pudessem contribuir quer para a perpetuação da lembrança da imagem física e da ação dos familiares quer para a proteção da propriedade familiar. É sobretudo neste contexto que pode ser enquadrada a produção documental das gerações anteriores à benemerita. Entre outras, destacam-se as seguintes espécies documentais:

- Representações fotográficas individuais ou coletivas dos vários membros da família;
- Documentos de identificação (bilhetes de identidade, caderetas militares, certidões de registo de nascimentos, batismos, casamentos e óbitos);
- Comprovativos da titularidade de bens (traslados e públicas-formas de escrituras de compra e venda, cartas de sentença de arrematações, certidões do registo predial, sentenças e acórdãos de ações judiciais, testamentos);
- Comprovativos da titularidade de direitos (escrituras de demissão do pátrio poder, provisões e alvarás de emancipação);

4. *Ibidem*, p. 301.

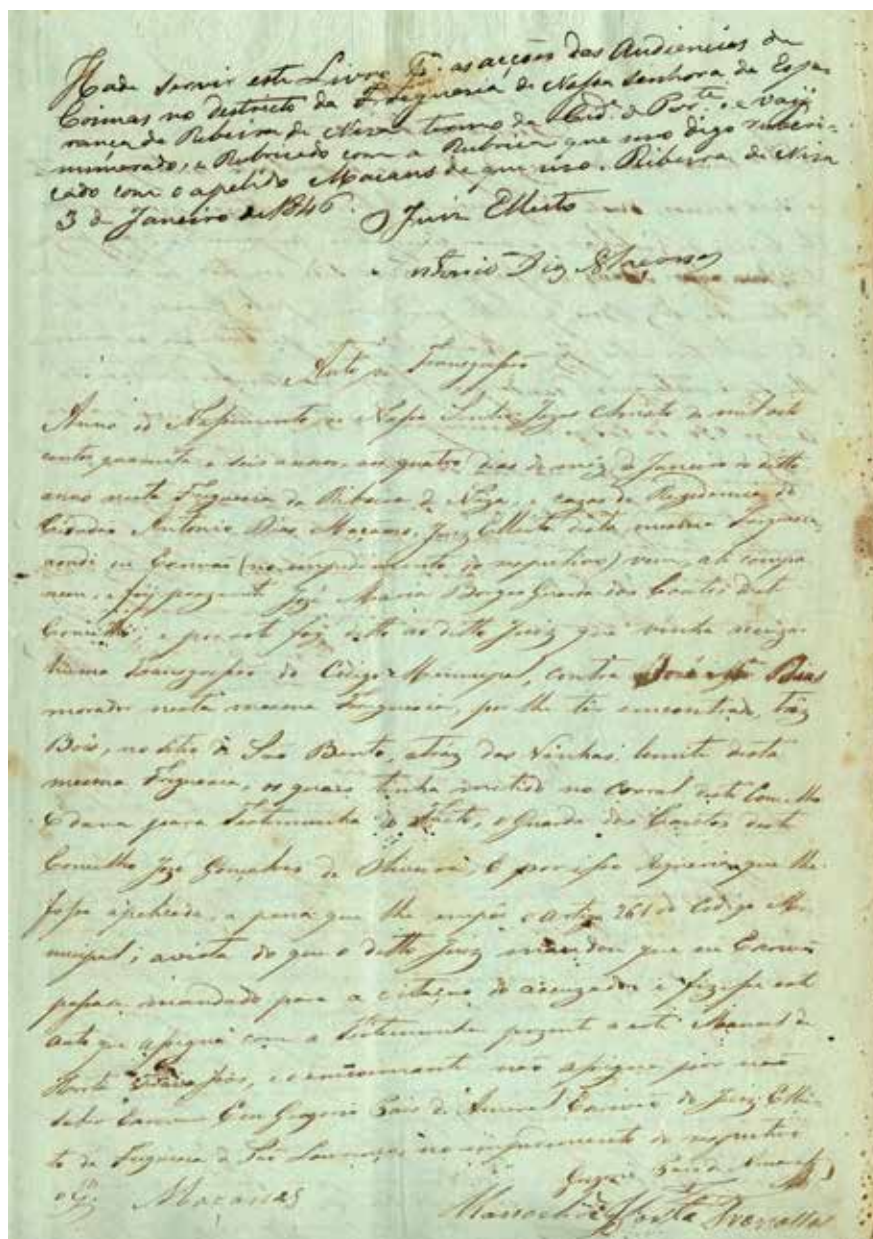
- Documentos relativos ao exercício de cargos públicos (alvarás de nomeação, um livro de registo das coimas e autos de julgamentos do Juízo Eleito da freguesia da Ribeira de Nisa);

- Registos de controlo das despesas efetuadas (listagens com a relação de despesas semanais ou mensais, livros de caixa, livros de pagamento de rendas, folhas de férias ou folhas de pagamento de salários);

- Comprovativos de pagamentos de foros, impostos, taxas e contribuições, cômguas e donativos paroquiais, quotas de organismos socioprofissionais, seguros e outros bens/serviços de utilização corrente.

Com Delmira Maçãs, sobretudo a partir dos últimos anos da década de cinquenta do século xx, verifica-se uma significativa libertação dos tradicionais constrangimentos familiares. Apesar da continuidade da valorização do apelido e dos locais identitários da família, denota-se uma nova consciência individual e uma maior preocupação com a constituição da identidade pessoal. Os documentos surgem como instrumentos privilegiados para a representação de todos os aspetos do seu percurso biográfico, desde as vivências quotidianas em família, à formação, à atividade académica e científica, à docência, ao lazer e às relações de sociabilidade mantidas. Ao mesmo tempo, são fontes de recordação e testemunhos de experiências, momentos e factos.

Um fator de diferenciação relativamente à tradição familiar é, sem dúvida, o percurso acadé-



LIVRO de registo das coimas e autos de julgamentos do Juízo Eleito da freguesia da Ribeira de Nisa. O livro encontra-se rubricado, na íntegra, por António Dias Maçãs, que assina também alguns dos registos efetuados entre 1846 e 1847 (Arquivo Familiar Benito Maçãs)

mico e profissional e as relações de sociabilidade estabelecidas. A atividade científica desenvolvida no campo da Filologia e da Linguística e a docência proporcionaram a produção de inúmeros documentos, entre os quais se destacam: os apontamentos e versões preliminares

de artigos, resenhas e outros trabalhos escritos; os inventários de vocábulos e expressões; a correspondência com professores e investigadores; as fichas de identificação/avaliação dos alunos e os materiais de preparação das aulas. No campo social destacam-se as cartas, os

Madame Marcelle Bué
49 rue Voltaire
Calais. PDC
France

Calais, le 13.12.62

Mademoiselle,

Je suis une nouvelle venue au Club "Amitié et Humanisme" et j'ai eu votre adresse par Madame Rothwiler.

Puis-je espérer que vous désirerez correspondre avec moi ?

Âgée de 42 ans mariée et mère de famille d'un garçon de 13 ans et d'une fille de 8 ans tous deux musiciens - je m'occupe de l'entretien de la maison, de la marche des études de mon fils et je l'aide à sa collection de timbres à la paroisse je m'occupe d'Action Catholique générale - un peu de la récitation des catéchismes J'aime particulièrement la lecture et la correspondance car je ne suis pas très habile dans les travaux féminins ; j'ai travaillé pendant 8 ans, avant mon mariage, dans une banque.

AFB7/P/A/131074/01

▲ **CARTA** de Marcelle Bué, remetida de Calais (França) para Delmira Maçãs, no âmbito do grupo de amizade por correspondência Club Amitié et Humanisme (Arquivo Familiar Benito Maçãs)

aerogramas e os bilhetes-postais trocados no âmbito de grupos de amizade por correspondência, nomeadamente o Club Amitié et Humanisme, através do qual Delmira Maçãs partilhava infor-

mação sobre os seus interesses, o seu quotidiano, a sua vida profissional e as suas ideias sobre temas literários, religiosos ou culturais com indivíduos de diversas nacionalidades. Embora

em menor número, também se sublinha a correspondência trocada por Delmira Maçãs ao abrigo da Campanha de Madrinhas de Guerra, promovida pela revista Eva, *Grande Magazine Feminino*.

As diversas deslocações em território português e ao estrangeiro proporcionaram a elaboração de completos relatos de viagem, com descrições pormenorizadas de lugares, paisagens, monumentos, museus e locais de culto, e com considerações pessoais sobre indivíduos, sociedades, acontecimentos e costumes.

Aparecem também, com Delmira Maçãs, os diários e as agendas, com anotações relativas à identificação cronológica de compromissos, viagens, falecimentos e funerais de familiares e amigos, consultas e exames médicos, entre outros dados.

A vida religiosa de Delmira Maçãs é revelada através de narrativas com descrições de santuários e outros locais de culto, textos soltos com considerações sobre a Igreja Católica e membros da sua hierarquia e, ainda, através da correspondência trocada no âmbito do movimento católico Fons Vitae.

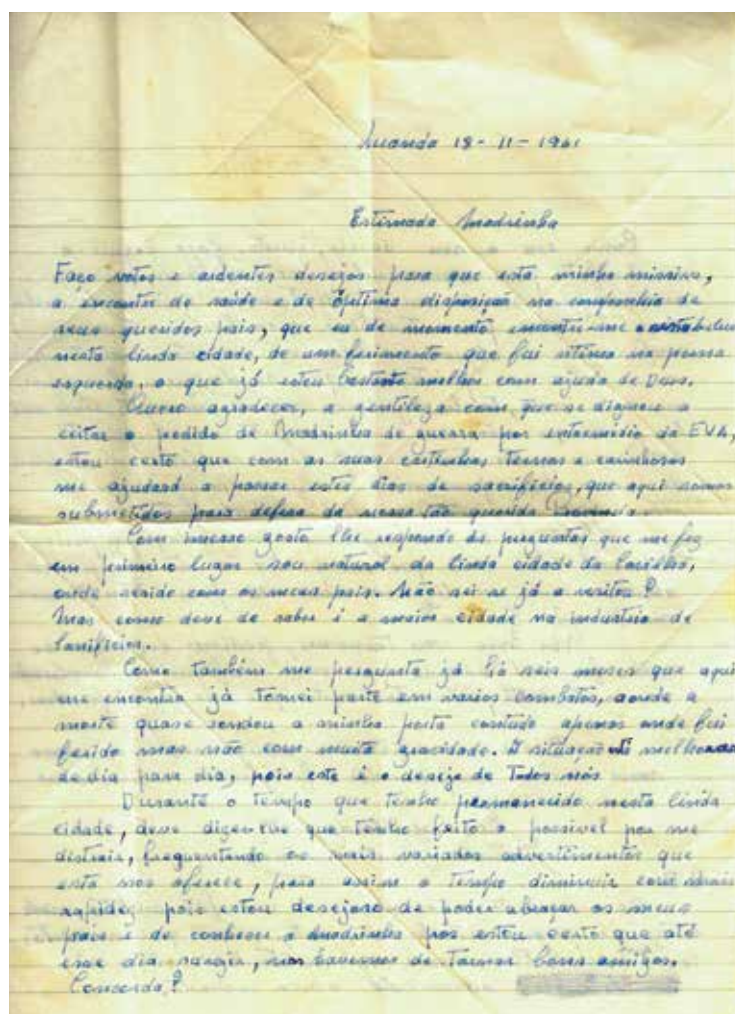
No seu conjunto, a documentação produzida por Delmira Maçãs tem a particularidade de permitir entrar na sua intimidade, recriar os seus hábitos e compreender a sua vida sentimental, a sua religiosidade, as suas opiniões sobre assuntos e sobre pessoas.

Independentemente das assimetrias identificadas, podemos concluir que o pormenor e a

transversalidade da informação veiculada pelos vários documentos do arquivo permitem não só recordar e testemunhar as atividades e as experiências dos indivíduos produtores, mas também conhecer as suas percepções da realidade, os seus comportamentos, a sua personalidade, e traçar as principais linhas de continuidade e rutura entre as várias gerações.

Importa ainda considerar a intencionalidade que está presente na conservação dos documentos que constituem qualquer arquivo familiar/pessoal. Com a certeza de que os indivíduos não conservam deliberadamente toda a documentação produzida ao longo da vida, devemos ter presente que os documentos que encontramos foram intencionalmente guardados. Como afirmação ou salvaguarda da identidade individual e familiar, como meio de prova de factos, direitos/deveres ou, simplesmente, como recurso informativo, são múltiplas as razões que poderão ter determinado a continuidade da existência de cada um destes testemunhos do passado, conservados agora na instituição herdeira universal de Delmira Maçãs.

Passamos agora ao segundo eixo de análise supramencionado, relativo ao reconhecimento das potencialidades dos documentos enquanto evidências do contexto em que foram produzidos. Como refere Jacques Le Goff, o documento “é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças



▲ **CARTA** de António Duarte Pereira, remetida de Luanda para a sua madrinha de guerra, Delmira Maçãs (Arquivo Familiar Benito Maçãs)

que aí detinham o poder”⁵. Resultante das inter-relações entre os indivíduos e das interações entre estes e a sociedade, com o quadro institucional que organiza, legitima e sanciona, a produção documental vai ser influenciada, em cada contexto espaço-temporal, pelas práticas e estruturas sociais. No sentido inverso, podemos também afirmar que os documentos se transformam em representações ou testemunhos dos contextos socio-históricos

da sua origem. Na prática, os documentos do arquivo familiar Benito Maçãs permitem identificar as realidades materiais e simbólicas não só de um conjunto de indivíduos relacionados através de vínculos de parentesco, mas de todos os que, perante os mesmos condicionalismos, tiveram atitudes, interesses, “práticas e tomadas de posição semelhantes”⁶. Retratam, portanto, diversos aspetos das atividades, dos comportamentos, das estratégias

5. Jacques Le Goff – *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5ª edição. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 545.

6. Pierre Bourdieu – *O Poder Simbólico*. 4ª edição. Lisboa: Difel, 2001, p. 136.



LICENÇA de uso e porte de arma concedida a Ema Virgínia Cordeiro Feio (ou Ema Virgínia Garraio) para defesa pessoal e da propriedade (Arquivo Familiar Benito Maçãs)

familiares dos grandes proprietários do Alto Alentejo, entre o início do século XIX e meados do século XX.

Através de documentos – como inventários de bens, cartas de sentença de partilha de bens, testamentos, cartas de arrematação de bens imobiliários, escrituras de compra e venda de imóveis, escrituras de empréstimo de capitais – é pos-

sível verificar algumas estratégias de concentração fundiária seguidas até finais do século XX. Por exemplo, são raras as vendas de bens a elementos estranhos à família; os casamentos realizam-se em regime de separação total de bens; nas disposições testamentárias o grosso do património é deixado maioritariamente a um descendente.

Também a partir de documentos como inventários de lagares de azeite ou comprovativos de pagamento de taxas sobre prensas hidráulicas mecânicas é possível constatar que eram os grandes proprietários os detentores dos meios de transformação dos produtos agrícolas.

Numa região e num período em que o setor agrícola era o principal meio de subsistência, os detentores da terra e dos meios de transformação dos produtos agrícolas possuem “naturalmente um grande poder sobre a população”⁷. Constituem a elite económica e social local que exerce um poder simbólico de representação, visível, entre outros, nos seguintes aspetos exteriores, testemunhados no universo documental deste arquivo familiar:

- Construção de jazigos de família (títulos da transferência da posse de frações de terreno no cemitério; assentos de óbito);
- Participação ativa nos organismos socioprofissionais e nas associações locais (comprovativos de pagamentos de quotas de diversas Casas do Povo do distrito de Portalegre e da Associação dos Bombeiros Voluntários de Portalegre);
- Participação ativa nos espaços públicos (ofícios das autoridades municipais a solicitar a participação de membros da família em procissões solenes e outros eventos públicos);
- Unidade familiar alargada a todo um conjunto de criados

7. Maria Antónia F. Pires de Almeida – *Família e Poder no Alentejo: Elites de Avis – 1886-1941*. Lisboa: Edições Colibri, 1997, p. 101.

internos e empregados da casa que participavam na vida doméstica e educação das crianças⁸ (correspondência);

- O estudo dos filhos (diplomas e certificados de estudo);

- Posse de armas de fogo (licenças para uso e porte de arma de fogo pertencentes a indivíduos do sexo masculino e feminino);

- A realização de viagens (relatos de viagens, fotografias e comprovativos de pagamentos relativos a alojamento);

- O colecionismo de moedas e selos-postais (comprovativos de pagamentos relativos à aquisição de moedas e de selos-postais);

- O exercício de cargos e funções públicas (livro de registo das coimas e autos de julgamentos; ofício a comunicar a eleição de António Eusébio Benito Maçãs para o cargo de vereador efetivo da Câmara Municipal de Portalegre);

- A mudança de residência para a cidade, continuando a exploração direta das herdades através de um encarregado geral (correspondência trocada entre a família Benito Maçãs e alguns elementos da família Esperancinha, na qual são observáveis as metodologias de gestão da propriedade);

- O relacionamento com homens eruditos, políticos e representantes da hierarquia eclesiástica (correspondência

A DOCUMENTAÇÃO PRODUZIDA POR DELMIRA MAÇÃS TEM A PARTICULARIDADE DE PERMITIR ENTRAR NA SUA INTIMIDADE, RECRIAR OS SEUS HÁBITOS E COMPREENDER A SUA VIDA SENTIMENTAL, A SUA RELIGIOSIDADE, AS SUAS OPINIÕES”

recebida por António Eusébio Benito Maçãs de José Leite de Vasconcelos, António Lino Neto e D. Domingos Maria Frutuoso).

- As atividades de lazer, como festas ou caçadas, e cerimónias familiares (fotografias).

Como se procurou demonstrar, os vários exemplos de representação simbólica, característicos de um contexto socioeconómico, são observados ou confirmados no conteúdo informativo de diversas espécies documentais presentes no arquivo da família. Sem estender este raciocínio ao absoluto e salvaguardando a importância do contexto da origem para a interpretação dos documentos, podemos afirmar que este arquivo familiar possui fontes primárias que podem constituir contributos para estudo da história da vida privada, da família, das mentalidades, da organização social, das relações e estruturas de sociabilidade, entre outras áreas ligadas às ciências sociais e humanas. Resultante da atividade de uma pequena

família sem fortes linhagens e sem figuras que se destacaram na vida do país, este fundo documental, como outros arquivos familiares e pessoais, reúne informação que pode subsidiar, complementar e corroborar as fontes de natureza oficial ou institucional, conservadas nos arquivos públicos, contribuindo para o desenvolvimento do conhecimento histórico-científico.

Pelo exposto, pode concluir-se que a importância cultural do arquivo familiar Benito Maçãs não se resume ao papel de suporte da memória ou garante da identidade dos indivíduos e da família, refletindo também o coletivo, ou seja, o tempo e o espaço em que estes indivíduos viveram.

Em suma, ao conservar e promover o acesso a este fundo documental, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa está a honrar a memória de Delmira Maçãs e dos seus antepassados, para além de aumentar consideravelmente a capacidade de resposta à investigação em diversas áreas do saber. ●

8. Cf. *Ibidem*, p. 134.